

# ENTRE ENVELHECIMENTOS E MULHERES: O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO COMO EXPERIÊNCIA LIMITE DA E NA LINGUAGEM

*BETWEEN AGING AND WOMEN: THERAPEUTIC ACCOMPANIMENT AS A  
LIMIT EXPERIENCE OF AND IN LANGUAGE*

Adriana Lima Monteiro 1  
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos 2  
Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto 3

**Resumo:** No acompanhamento terapêutico de mulheres em envelhecimento, temos experimentado uma certa pragmática da linguagem, entendida aqui não como representação de uma realidade dada, mas como potência de criação de si e de mundos. Por meio da aposta conceitual-metodológica na pesquisa-intervenção, perscrutamos o poder de ação da linguagem, experimentando uma variação, uma abertura comunicacional, uma rede de enunciação da qual emerge um corpo e uma língua singulares, um si e um mundo que pode ser compartilhado. Assim, o artigo descreve experiências de acompanhamento terapêutico na direção de fazê-las durar, tomando-as como experimentações-limite da e na linguagem, na busca por constituir um território, uma temporalidade, uma comunicação singular e em singularização. Um plano de transversalidade e de composição, que esboça ao mesmo tempo em que gera, modos de subjetivação.

**Palavras-chave:** Acompanhamento Terapêutico. Mulheres. Envelhecimento. Linguagem. Transversalidade.

**Abstract:** In the therapeutic accompaniment of aging women, we have experienced a certain pragmatics of language, understood here not as a representation of a given reality, but as a power to create themselves and worlds. Through the conceptual-methodological approach to intervention research, we examine the power of language action, experiencing a variation, a communicational opening, a network of enunciation from which emerges a singular body and language, themselves and world that can be shared. Thus, the article describes experiences of therapeutic accompaniment in order to make them last, taking them as limit experiments of and in language, in the search for constituting a territory, a temporality, a singular and singularized communication. A plane of transversality and composition, which outlines, at the same time as it generates, modes of subjectivation.

**Keywords:** Therapeutic Accompaniment; Woman; Aging; Language; Transversality.

- 1 Mestre em Psicologia (Universidade Federal de Sergipe). Acompanhante Terapêutica, Aracaju, Sergipe, Brasil. E-mail: lm.adriana@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1071012309183303>; ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3028-2789>.
- 2 Pós-doutoranda em Psicologia Institucional (PPGPSI/UFRGS). Atualmente é professora do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: michelevasconcelos@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2614753897693732>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9013-6352>.
- 3 Pós-doutora em Psicologia (PPGPSI/UFS). Professora Aposentada do Instituto de Psicologia da UFRGS. Encontra-se na continuidade de seu pós-doutorado junto ao Projeto de Fortalecimento Sociopolítico das Marisqueiras de Sergipe (Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras da Universidade Federal de Sergipe). Bolsista FAPES. E-mail: gislei.ufrgs@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2349515647403683>; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5252-2666>.

## **Velha?! Dar língua e corpo ao e pelo Acompanhamento Terapêutico (AT)**

Acompanhar. Palavra que aqui indica abertura à movência das coisas, em que a realidade aparece como composição de linhas. “É pela desestabilização das formas, pela sua abertura (análise) que um plano de composição da realidade pode ser acessado e acompanhado” (Passos; Eirado, 2009, p. 109). Eis a aposta político-clínica: “acompanhar processos de gênese da realidade de si e do mundo, na direção de uma abertura do coeficiente comunicacional dos sujeitos e dos grupos, o que Guattari designou de transversalidade” (Passos; Eirado, 2009, p. 110). “A transversalidade, nesse seu sentido comunicacional, deve ser pensada sob a base de uma comunidade, ou seja, de um ser-comum” (Passos; Eirado, 2009, p. 116). Essa é a terapêutica: acompanhar a germinação de modos de (co)existir, efeitos-subjetividade. Eis um efeito-paradoxal desse processo de acompanhar: reconhecer a operação de comunhão e também suspeitar de suas limitações, dando espaço para a diferenciação. É dessa maneira que os institucionalistas fazem da análise a experiência do limite, “das instituições, da pessoa, [...] da consciência de si” (Passos; Eirado, 2009, p. 120). E se é, especialmente, pela linguagem que costumamos nos comunicar, nos humanizar, nos agregar, comungar de uma experiência comum, também precisamos desnaturalizá-la, envolvendo “a linguagem com o processo de produção de suas próprias condições de possibilidade (Tedesco, 2008, p. 122), problematizando a ideia de que seria possível representar o mundo, reduzindo “a diversidade sensível à invariância inerente ao linguístico” (Tedesco, 2008, p. 116).

Nessa direção, Agamben (2005) conceitua infância como experiência limite da/na linguagem, disso derivando o primado de inclusão do animal/criança, um ‘outro’, meio ‘monstro’, meio ‘não-humano’. Em nossas travessias clínico-políticas pomo-nos a estranhar nossa humanidade conferida pelo adentrar no mapa político da linguagem humana, obedecendo-o docilmente: “as crianças são presos políticos. A linguagem é um sistema de comando” (Deleuze, 1992, p. 57-58), de produção de uma humanidade que obedece a palavras de ordem. Acopladas a esse sistema, constituídas por ele, há que se produzir crianças obedientes; há que se tornar humano, ‘adultecendo’, todas e cada uma, sujeitos naturalizados pela fórmula desenvolvimentista adultocêntrica e etnocêntrica de que a criança estaria para os povos ‘primitivos’ assim como os adultos para os europeus (razoáveis), esses sim, humanos.

Nesse texto, propomos a velhice também como uma experiência-limite da e na linguagem. O percurso dá-se por meio de vivências no trabalho-formação-pesquisa das autoras, acompanhando as travessias de mulheres que encarnam em seus corpos as marcas do tempo e do gênero. Aqui, a ética da saúde mental coletiva encontra-se com a ética do passante, com um pensamento de travessia, com a vida lançada ao fora, a vida em expansão. Nesse acompanhar mulheres velhas em sua movência, criamos um território comum; ensaiamos, juntas, uma deriva subjetiva e comunicacional inusitada.

Dessa maneira, iniciamos pelo posicionamento em relação à escolha ao enunciado velha como uma subversão às tentativas de domesticação da velhice. Chamar o velho de idoso, a velhice de terceira idade, é uma forma de arrancar a potência insurgente das existências velhas através da linguagem (Brum, 2012). Atualmente, há predominantemente dois discursos que delimitam as existências velhas: de um lado, a velhice está inscrita no âmbito das perdas, incapacidades, fragilidades, decadência; do outro, impõe-se a ditadura da moral da vida ativa, da jovialidade, que visa mascarar a todo custo as marcas do tempo, a finitude (Peixeiro, 2013). Dessa maneira, em nossas sociedades, atravessadas pelos imperativos da normalidade e da juventude, velhice é tolerada quando higienizada, asséptica, ‘ativa’ ou enclausurada. Velhos que não sucumbem ao *status* de consumidores, gestores de si próprios e viventes da “melhor idade” são ignorados, confinados em suas casas ou serviços assistenciais. Isso acarreta sofrimento diante de um processo de desinvestimento, renúncias e privações que apequenam e aprisionam as existências velhas.

Ao contrário, “durante a velhice, deveríamos estar ainda mais engajados em causas [...] que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (Bosi, 1994, p. 80). Nesse sentido, gesta-se uma aposta político-clínica: o AT pode criar porosidades nas linhas endurecidas que encrostam o território da velhice; extrair vitalidade onde há limitações; legitimar e potencializar a velhice em devir; dar novos sentidos à

velhice, expandindo as formas de criação de si (Niquetti, 2017). Assim, intentamos com o AT operar um “fazer-saber-envelhecer”: “saber envelhecer não é permanecer jovem, é extrair de sua idade as partículas, as velocidades e lentidões, os fluxos que constituem a juventude *desta* idade” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 70).

A velhice não cabe em conceitos delimitados, trata-se de um constante e inacabado processo de subjetivação a ser cartografado. Fazemos esta pesquisa situadas no plano do devir e das intensidades, inscrevendo-nos numa temporalidade que parece ser distinta da história – “a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais desvia-se a fim de ‘devir’, isto é, criar algo” (Deleuze, 1992, p. 210-211). Nesse plano e temporalidade outra, situamo-nos para experimentar outras dizibilidades, visibilidades, sensibilidades, linguagens envelhecidas.

Na prática do AT, fomos percebendo a necessidade de se colocar em análise as práticas clínicas que tendem a voltar-se para a naturalização da fórmula desenvolvimentista indicada acima: indexar nossas subjetividades às verdades de uma vida capital (Pelbart, 2016), produzi-las por meio da obediência a essas verdades - razoáveis, etnocêntricas, adultocêntricas, masculinas. Com o AT, ensaiamos gestos que disputam modos de ser e (con)viver na versão contemporânea – financeirizada e neoliberal – que Suely Rolnik (2018) define como o regime colonial-capitalístico. “Em sua nova versão, é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações, que o capital explora, fazendo dela seu motor” (Rolnik, 2018, p.33). Pensando estratégias que incidam justamente nesta relação entre capital e força vital, Suely Rolnik aponta a urgência de inventarmos modos de resistir no próprio campo da política de produção de subjetividades. Inventar saídas, criar palavras, germinar vida, ali mesmo onde políticas de morte a querem inviabilizar.

“Clínica”, “velhice”, “feminino”. Des-ventosar a linguagem, diria Barthes (2004); gaguejar em nossa língua, diria Deleuze (1992); infantilizar a linguagem, diria Kohan (2007). Quando a escrita se torna inominável para o vivido, estamos nos movimentando na intensidade das relações de poder em nossos corpos, forças em disputa. Ao nos aproximarmos das experiências de mulheres velhas em suas articulações, suas vulnerabilidades e seus sofrimentos, passamos a compartilhar relações que nos atravessam e nos constituem também como mulheres. É a abertura para acompanhar o que nos afeta na produção do intolerável (que, diga-se de passagem, é bem tolerável para muitas de nós e algo em nós) que nos leva a alinhavar um outro regime de visibilidade e dizibilidade. Se antes o desespero pela nomeação (mulheres, femininas, feministas) nos desviou do exercício do sentido, agora percebemos que o intolerável emerge no paradoxo, entre o que se coloca em análise e o exercício ético e político de quem estamos nos tornando nesta experiência de ver e dizer. O campo problemático nos aproxima da demanda de escuta ao intolerável vivido por mulheres velhas. E o intolerável não é o aparente. Estamos interessadas em um fazer,

[...] de modo que certas frases não possam mais ser ditas tão facilmente, ou que certos gestos não mais sejam feitos sem, pelo menos, alguma hesitação; contribuir para que algumas coisas mudem nos modos de perceber e nas maneiras de fazer; participar desse difícil deslocamento das formas de sensibilidade e dos umbrais de tolerância (Foucault, 2006, p. 347).

Dessa forma, nosso mote é produzir narrativas sobre nós mesmas, para nos estranharmos, num exercício de estrangeiridade (Kohan, 2007) e artistagem (Corazza, 2007): ousar habitar fronteiras de nossos mapas político-linguísticos-subjetivos, acompanhar efeitos-subjetividade. A aposta é, pois, na resistência pela criação de outras linguagens. A tentativa foi - e segue sendo - a de desfazer a linguagem como tomada de poder, decompor todo conjunto de ideias que se pretendem ideias justas - como a da fôrma-homem europeu, branco, masculino, heterossexual, homem da razão, adulto, jovem -, a fim de extrair daí “justo” ideias (Deleuze, 1992), como as ideias de feminino, de velhice e de clínica. Assim, pode-se brotar, bem ali entre o mortífero e o embrionário, uma resistência ativa, que não se limitaria a recusar ou se opor a um mundo dado. Resistência-criação, afeita a criar outros mundos, outras relações consigo e com o outro, outros modos de

existência, uma humanidade molecular, menor, infantil, velha, afeita a miudezas e detalhes, como o quintal de Manoel de Barros.

### **Pesquisa-intervenção: uma ética do fazer junto.**

A escrita deste artigo constitui-se na possibilidade de olhar para nosso percurso profissional, um trajeto em que fomos apresentadas a viventes tomados como desimportantes, a restos humanos, escamoteados nos abismos da cidade, marcados pela exclusão e por uma inclusão excludente - loucos, jovens perigosos, velhos. Há que ser humano, coadunando do projeto civilizatório da ordem e progresso neoliberal em curso. Por entre trajetos de cuidado em saúde mental coletiva pela cidade, cheios de (des)encontros, fomos nos reconhecendo como apanhadoras de desperdícios; fomos seguindo vidas-vagalumes, existências que resistem, lampejam e dançam em cenários sombrios (Didi-Huberman, 2011; Ferreira, 2017).

As experiências com velhas aqui compartilhadas foram iniciadas no começo de 2020, durante o contexto pandêmico do COVID-19. Esse período escancarou o projeto de governo no Brasil que elencou vidas matáveis à serviço do capital, restos descartáveis de vida e de modos de viver. Houve negligências para adotar políticas de enfrentamento - divulgação de métodos inadequados de tratamento, lentidão para liberação de auxílio federal, atraso para compra e distribuição de vacinas -; profissionais de saúde foram obrigados a escolher salvar vidas mais jovens no contexto de superlotação dos leitos hospitalares; representantes de órgãos públicos chegaram a afirmar que a pandemia “*só matava velhos*”, também houve falas que apontavam o escandaloso número de mortes da população velha como uma vantagem para as contas da Previdência Social. Esse também foi um governo misógino. Nos seus anos, junto aos ideais da família e do progresso, assistimos, assombradas, o aumento das taxas de violências contra mulheres e do feminicídio. Assistimos a uma virada neoconservadora, ao neoliberalismo flertando com políticas autoritárias, com declínio de políticas de equidade para mulheres, especialmente mulheres negras. “Com a privatização e a mercantilização mais ampla de diferentes setores de vida, levada a cabo pelo projeto neoliberal, torna-se imperativo produzir famílias funcionais, isto é, responsabilizar novamente mulheres por tarefas de que o Estado se esquivava” (Biroli, 2017, p. 25).

Diante de tal perspectiva genocida, etarista e misógina, torna-se urgente discussões acerca da velhice comporem ações de mobilização e lutas pela defesa da vida, pela vida digna e inventiva das velhas brasileiras, assim como dos velhos. O encontro com o cuidado de mulheres velhas e seus familiares conduziu processos formativos para atuar nas especificidades da velhice, entre eles a pesquisa com a dissertação de mestrado que orienta a problematização da presente escrita (Monteiro, 2023). Uma tentativa de decantar e extravasar as ressonâncias de encontros entre mulheres, suas histórias e sofrimentos, e modos de acolhimento de uma psicologia itinerante no tempo e no espaço. Um percurso vai se esboçando dos encontros com estas mulheres, velhas tidas muitas vezes como loucas-dementes-doentes-moribundas-teimosas-rabugentas-pelancudas-fedorentas-inúteis-imundas-preguiçosas-depravadas-agressivas-esquecidas. Mulheres que sofrem na velhice, mas insistem em viver, em desejar mais vida, ou melhor, mais da vida. Com elas, vamos apanhando restos semeadores de vidas, outras.

Portanto, a pesquisa se desenrola em meio ao processo de intervir à medida que dá forma a um campo de problematização conceitual e metodológico que se constitui com quem trabalhamos, num processo de produção compartilhada e conhecimento (Passos; Barros, 2009; Chassot; Neves, 2018). Nossa formação deu-se na área da Saúde Mental Coletiva em aproximação com a clínica ampliada, o cuidado em território, os dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial, da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a pesquisa-intervenção compondo os fazeres acadêmicos e profissionais. A prática do AT foi orientando esses fazeres, ora do âmbito do SUS, ora em outras políticas de cuidado na educação, assistência social, direitos humanos, mantendo um princípio ético: saúde para todas e cada uma; saúde como efeito de condições coletivas de existência; prática de saúde dimensionada para ampliação de territórios de vida, ultrapassando muros de institucionalização dos modos de cuidar, ser e estar no mundo. Um modo de pesquisar que acontece ao compormos “iniciativas de ‘fazejamento’ e ‘pensação’” (Yassui, 2010, p. 10) com aquelas que resistem em restos e convocam a criação de práticas de

cuidado atentas às forças germinadoras da vida: um espaço-tempo ali onde o campo de saúde mental coletiva se articula a uma ética da passante e das passagens.

A experiência com o AT constitui a estratégia desta pesquisa-intervenção, possibilitando acompanhar os processos de envelhecimento de mulheres no sentido de perscrutar como a temporalidade incide nos modos de subjetivação, não apenas no sentido da passagem da vida, mas da duração de uma vida em criação que o AT deseja acolher e germinar com. Dessa maneira, a ideia foi cultivar um olhar para o miúdo do cotidiano dos encontros com as mulheres velhas - acompanhadas e, ali, como o musgo que brota do cimento, cultivar outras percepções e sensibilidades político-clínicas, farejando pequenas mutações diárias que expõem e compõem um corpo, uma escrita, uma clínica, uma política. À medida que o conhecimento germinava neste caminhar com a pesquisa tomou forma e, então, fomos compartilhando com as mulheres acompanhadas a proposta de coletivizar essa experiência para que outras profissionais pudessem acessar essa metodologia, assim como outras mulheres velhas pudessem ser também acompanhadas a partir desse olhar. Uma parada para conversar a respeito desta passagem do intervir tramado ao pesquisar e deste pesquisar tramado a sistematização do conhecimento. Momento de explicitar a proposta de registro com diários de experiência, a restituição desses registros às acompanhadas durante os encontros de AT - gerando conversas e novos registros, o sigilo das informações de identificação, responsabilidade ética nesta pesquisa. Cabe destacar que a proposição da pesquisa ativou a participação das mulheres com escritas próprias, objetos, histórias.

Entre 2020 e 2022, foi realizado AT de 15 mulheres entre 60 e 97 anos, cis, hétero, classe média/média alta. Entre elas, oito viúvas, e duas não se casaram. Todas aposentadas, exceto uma não desempenhou atividades remuneradas. Somente uma era negra. A periodicidade dos encontros, geralmente, ocorria de uma a três vezes na semana. Este recorte, por si só, já permite analisar aspectos do acesso e interseccionalidade, sendo que ao acompanhá-las percebemos tanto os privilégios étnico-raciais e de classe, como as marcas comuns ligadas a violência e desigualdade de gênero, os impasses da entrada da velhice, os preconceitos em torno do etarismo, à perda de autonomia, infantilização, dificuldade de locomoção - tudo isso a produzir um cenário propício para o sofrimento psíquico, entendido aqui como efeito de desigualdades de gênero e de faixa etária, caso específico dessas mulheres. Mas sabemos que sofrimento psíquico é efeito também (e especialmente) de desigualdades de classe e de raça. O que queremos dizer com isso é que as questões individuais das histórias narradas são necessariamente coletivas, pois se entrecruzam com contextos políticos, econômicos, sócio-históricos. Por conta disso, essas narrativas carregam a potência de deslocar (Oliveira; Rocha; Moreira; Hüning, 2019), sendo que as forças dos diversos âmbitos (políticos, econômicos, socioculturais) operam ou podem operar processos de negação ou afirmação do direito de envelhecer (Ferreira, 2021).

## **Potência metodológica do AT na pesquisa-intervenção**

O AT dispõe-se a dar materialidade-expressão a afetos que circulam os encontros, entendendo que reconhecer e expressar esses afetos pode operar derivas subjetivas. Propõe-se a problematização da ideia do corpo velho como palco do adoecer e perecer, deslocando-o para o lugar de protagonista de práticas de si, da artistagem de uma vida (Corazza, 2007): desviar das regras de vida e assumir a postura de construir uma arte de viver; transformar as rugas que contornam as formas murchas e apequenadas de existir em linhas que enlaçam os tempos, marcam, caminham e constroem histórias de si e do mundo.

A clínica do AT dá-se à medida que acompanhante e acompanhada vão percorrendo trajetos físicos, geográficos, afetivos, subjetivos e existenciais. Ela opera na dimensão do *estar com* - no encontro com o outro, acolhe-se o que transborda, ambos se (re)fazem na e com a diferença (Araújo, 2007; Palombini, 2022; Vasconcelos; Machado; Mendonça Filho, 2013). Assim, o AT pretende se desviar das funções de controle, vigilância, evocando a cidade e convocando a construção de uma experiência de encontro (Palombini, 2018). Assim, renuncia-se à função de ser útil e traceja-se uma clínica e uma vida mergulhada “no tempo, tempo da criação, do ilimitado ainda por vir, que, entretanto, já nos habita, como uma espécie de futuro anterior” (Fonseca, 2007, p. 142).

O AT costuma ser convocado nos casos tidos como graves, que romperam, de alguma forma,

suas conexões com o mundo. Considera-se que, quanto mais enlaçado em relações na vida, mais a nossa vida sustenta a produção de territórios existenciais. Uma das funções do AT é mapear, articular, agenciar a rede do/com a acompanhada. Construir arranjos e ampliações das relações com a família, comunidade, amigos, serviços, lugares, cidade etc. Assim, o AT assume lugar de intercessão e análise de diversas políticas e experimenta como uma rede se efetiva ou não no território (Palombini, 2018). A partir da prática do AT, articulam-se, costuram-se, provocam-se, instauram-se novas relações com a cidade. Trata-se de forças desindividualizantes, no sentido da produção de comum, de experiências coletivas atravessadas por dissensos e embates, denotando a sua força política, de habitação e negociação coletiva (Gonçalves; Barros, 2013).

Mas, que territórios comuns pode uma velha habitar nesse mundo capital neoliberal do homem branco, razoável, empreendedor e jovial? O tempo da velhice contrapõe-se ao tempo (ou à falta dele) dos dias atuais. A lentidão da velhice é uma afronta à aceleração a que estamos submetidas. Inventar novos modos de vida requer outras relações com o tempo, requer a inscrição num outro tempo. Uma das funções do AT é garantir a vagareza das velhas, deixar que seus próprios ritmos guiem os encontros. Algumas situações - como a fala arrastada que sempre tem uma (ou a mesma) história para contar, o simples ato de pegar a carteira e fazer um pagamento em morosidade, bem como o de negar a oferta de uma cadeira de rodas em uma clínica para chegar mais rápido ao consultório - geram incômodos e convocam todos a esperarem o tempo dos passos lentos. Validar existências vorazes que não se rendem às dificuldades motoras, não renunciam diante do tempo ligeiro e escasso dos dias atuais; acompanhar velhas nos enlaça com o tempo que não tem pressa.

Uma regra de prudência: apesar de parecer óbvio, é preciso lembrar que se tornar velha não destitui a condição de mulher. Mas, assistimos a um apagamento das especificidades de gênero nas práticas hegemônicas que disputam os territórios da velhice, como se o avanço da idade destituísse a velha de sua constituição generificada (Motta, 2011), isso para não falar em sexualidade. As desigualdades de gênero acumuladas ao longo de uma vida marcam as subjetividades das mulheres velhas. Em uma sociedade em que impera o valor das mulheres a partir dos atributos físicos da juventude e restringe a vivência da sexualidade feminina à idade reprodutiva, sua velhice é um incômodo a ser escamoteado. Causa horror aos mais jovens e, muitas vezes, desencadeia infantilização, uma das grandes estratégias de sujeição (Guattari; Rolnik, 2013).

Nas andanças do AT, encontramos mulheres velhas que foram proibidas de se vestirem e se maquiarem como gostavam, por familiares considerarem hábitos inadequados na velhice; velhas que, ainda crianças, foram forçadas ao casamento; velhas que abdicaram de seus sonhos, foram proibidas por seus pais e/ou maridos de estudar ou de exercer a profissão que desejavam. Outras não suportaram as violências dos esposos e, ao saírem de casa, foram impossibilitadas do convívio com os filhos por serem consideradas desquitadas. Velhas que se deram conta que a viuvez foi um passaporte de libertação, descanso, alívio em relação às situações de violência, subserviência. Mulheres que compartilhavam o sentimento de solidão, que desejavam se relacionar, seguindo excluídas do campo de desejo afetivo-sexual após a entrada na velhice. Insistamos na pergunta: que territórios comuns pode uma velha habitar?

## **Das Especificidades do AT com Mulheres Velhas**

O encontro com as mulheres velhas geralmente se inicia a partir do encaminhamento de outros profissionais de saúde ou por familiares, a partir de alguma indicação. É comum as demandas chegarem por conta de uma situação de crise, a descoberta de um diagnóstico, sofrimento extremo, autonomia comprometida; disso, vai se apresentando a encomenda por adesão, adaptação, adequação, salvação.

É função do AT acolher encomendas, mesmo as travestidas em demandas, mas a mirada é por não sucumbir às capturas, criando fissuras, outros caminhos, engatando outras linhas pelo desemaranhar das já dadas, endurecidas. Outra regra de prudência: o vínculo com as velhas, os acontecimentos que saltam dos encontros, fazendo fissura nos terrenos agrimensados, irão guiar o acompanhamento.

Em relação às famílias, geralmente também estão imersas em sofrimento, com relações desgastadas. Muitas vezes, por exemplo, há uma dificuldade de os filhos reconhecerem as

vulnerabilidades, fragilidades das suas mães. Há situações em que o diagnóstico se sobrepõe, anulando qualquer possibilidade de movimento e existência fora de seus limites de inteligibilidade. Nas tramas familiares, o AT insurge também como mediação entre relações, lugar de passagem para aspectos silenciados ou diferenciados do que está vigente.

À medida que os encontros acontecem, compõem outras posições e formas de estar no mundo: *“agora, eu grito”*, afirma uma boa e dócil esposa-dona-de-casa que acatava as situações adversas, silenciando suas inquietações e aceitando as condições impostas. Passou a impor limites ao não ser escutada/respeitada; grita, reage e freia os mecanismos que insistem em mantê-la domesticada. Ela age por meio da constituição de um corpo que grita por vida! Outras vozes a acompanham: *“Não tenho mais idade para aguentar esse tipo de coisa”*; *“Não tenho mais nada a perder”*; *“Meus filhos já estão criados. Posso fazer o que quero”*.

As velhas que, na juventude, exerciam trabalhos domésticos não remunerados, cuidavam dos filhos e dependiam financeiramente dos maridos tendem, na velhice, a cuidar dos netos, do marido e a estarem submetidas aos filhos. Ainda que tenham a própria renda, muitas vezes a autonomia da gestão das finanças está sob responsabilidade dos mesmos. Numa das andanças, uma velha de 84 anos, que desejava fazer algumas compras no shopping, decidiu não usar o cartão de crédito, mas sacar um determinado valor no caixa eletrônico. E disse em seguida: *“Quero comprar sem que meu filho fique monitorando meus passos verificando as faturas”*. No AT, foi possível construir acordos entre ela e os filhos.

Com a ampliação do neoliberalismo, a responsabilização das mulheres por tarefas que o Estado está se esquivando é ampliada, especialmente na esfera do cuidado (Biroli, 2017). Muitas mulheres velhas também têm vivenciado um acúmulo de funções, assumindo o cuidado dos seus pais (velhos anciãos), dos seus netos para que os filhos possam trabalhar, realizando todo o trabalho doméstico. As suas rendas seguem designadas para as necessidades de uma família nuclear, especialmente quando os jovens não possuem estabilidade empregatícia. Quando uma mulher velha adoece, toda uma dinâmica familiar desmorona e é tensionada a novos ajustamentos.

## **Uma clínica da intensificação dos instantes, dos corpos e das circulações**

No AT com mulheres velhas, trabalhamos na perspectiva de intensificar os instantes. Uma das velhas acompanhada, estava em situação de cuidados paliativos após a equipe médica avaliar que lhe restavam poucos meses de vida. Em decorrência do adoecimento, possui um comprometimento na comunicação e passa a maior parte do tempo deitada em uma cama hospitalar. Quando é necessário se locomover, usa a cadeira de rodas, pois não consegue mais movimentar os membros inferiores.

Quando iniciamos o AT, ela tentava estabelecer uma comunicação verbal e expressava muita angústia. Parecia querer dizer algo e as palavras não vinham. A AT arriscava emprestando-lhe algumas palavras; ela sinalizava com gestos de afirmações ou negativas se faziam sentido com o que desejava comunicar. Entre risadas e frustrações nessas tentativas, a AT fala: *“Às vezes, dá raiva, né?”* Ela sorriu com aparente constrangimento. A AT disse: *“A gente pode também sentir raiva, xingar quando dá vontade.”* A acompanhada expressa: *“Merda!”*. A AT diz enfaticamente: *“Merda! É uma merda!”*. Em seguida, ela é convidada a xingar, então sorri e diz bem firme: *“Porra!”*. Os corpos da AT e acompanhada comunicavam-se com toques, carinhos, apertos, olhares. Naquela cena ultrapassavam o corpo-doente objeto da rotina de higienização ou exercícios e sentiam o corpo em lampejos de vida.

Juntas, expandiram as experiências naquele quarto. Realizou-se compras na internet, assistiram filmes, fizeram as unhas, massagens, ouviram músicas, testemunharam medos e lágrimas, compartilharam os silêncios, criaram laços. Suas fotografias e histórias contadas por familiares traziam a dança como componente importante em sua vida. Por que não dançar com a iminência (ou seria a imanência) da morte? Fez-se um convite para voltar a dançar, as aulas iniciaram em sua residência. Convidamos amigas que quase não tinham mais contato com ela para participarem e esse momento tornou-se um espaço de convivência e de encontro com música, brindes, petiscos, gargalhadas. A casa silenciosa fica barulhenta e cheia de movimentos. Ética do passante, ética da

passagem a uma deriva inusitada. Como nos ensinaram Deleuze e Guattari (1997), devir é a parte das formas que se tem, a dança foi uma forma-força a pôr em movimento de vitalização um corpo na iminência da morte num cenário de amortecimento.

Iniciamos também aventuras nas ruas. Circular com ela na cadeira de rodas ampliou o olhar para o direito à acessibilidade que a cidade (não) oferta. O AT, ao convidar a diferença para habitar a cidade, convoca movências, revela um ato político a partir dos efeitos produzidos ao ocupar o território. Novamente, uma ética das passagens. O bar da praia, por exemplo, passou a garantir que as vagas destinadas às pessoas com deficiência não fossem ocupadas, iniciou uma reforma na rampa e adquiriu uma cadeira apropriada para transportar pessoas que usam a cadeira de rodas até o mar.

Houve situações de mal-estar, vômitos, diarreia escorrendo pela fralda, fraqueza, mas a doença não paralisou o nosso movimento em busca de potencializar a vida enquanto vida há. Os encontros do AT têm sido momentos de criar instantes impregnados de vida. Uma clínica da intensificação dos instantes. Aqui, mais uma regra de prudência: impregnar de vida não é negar a morte, é afirmar que se pode viver na iminência da morte também. Vida vazando, transbordando em imanência. Ética da passagem e do instante.

Seguimos tentando driblar as nuances de diagnósticos que tentam exilar mulheres velhas de si mesmas e do mundo. O comprometimento da autonomia acentua-se com a progressão dos quadros e o AT persiste na possibilidade de extrair e produzir vida mesmo quando o tempo se dilui em instantes fugazes, fazer corpo. Muitas vezes, nós só lidamos com a dimensão do agora. Por exemplo, já recebemos uma ligação de uma acompanhada com Alzheimer e durante a ligação, ela já não lembrava com quem e o que estava falando. Vale ressaltar aqui que, mesmo quando a memória se esvai, o afeto persiste e insiste. Lembramos da fala de uma outra velha acompanhada: *“não lembro quem você é, mas sei que gosto de você”*. Esse é o plano do devir, transhistórico, que insistimos em, com o AT, coabitar.

## **E Quando a Morte se Aproxima...aproxime-se**

Como AT, também foi possível acompanharmos pessoas na iminência da morte que puderam encontrar um espaço para falar da morte, viver a morte e, de alguma forma, preparar-se para esse momento planejando despedidas, escolhendo como gostaria de viver o tempo que lhes restava e como se suceder as questões pertinentes a elas após as suas partidas.

Acompanhamos uma velha de 97 anos que considerava a longevidade uma aberração. Iniciou o AT após o episódio de uma queda que acarretou limitações físicas importantes, gerando muito sofrimento. Com a fala arrastada e baixinha, dizia o quanto estava cansada, e sentia-se em paz para morrer. As pessoas em seu entorno não suportavam escutá-la quando o assunto era morte, tentavam suavizar, negar, anular toda iniciativa expressada por ela. O AT pôde ser o espaço para ela falar acerca da sua própria morte: *“minha chama está apagando”*. Sempre que a AT se referia ao próximo encontro, ela dizia com serenidade: *“se eu estiver viva até lá”*.

Ela vive inúmeros lutos, já perdeu todos os filhos, marido, irmãos. Sente-se um estorvo na vida das cuidadoras. Fala que o corpo já não acompanha seus desejos, e que, mesmo com o corpo cansado, a sua mente teima. Uma das suas teimosias mais potentes é a escrita. Ela, que foi proibida de estudar, teimou em amar literatura e poetizar a vida. Mesmo com dificuldade em escrever por conta dos tremores, vive rodeada de caderninhos com notas, poesias escritas por ela. Iniciamos a organização de um livro de sua autoria. Trazemos aqui mais uma de suas frases: *“tem que dar expansão a esse resto de vida que me sobra”*. Quando a conhecemos, só falava de si no passado. Certa vez, disse que a longevidade era um despedir-se devagarinho. A escrita do livro tem possibilitado suportar habitar o presente enquanto se despede de si e do mundo.

## **Sobre acompanhar alguém que não é mais. O que um encontro movimenta?**

Uma das velhas com cerca de 80 anos disse que *“ser velho é alguém que era e não é mais”*.



Acompanhar alguém que não é mais: “o atual não é o que somos, mas antes o que nos tornamos, o que estamos a caminho de nos tornar, ou seja, [...] nosso tornar-se outro (Deleuze, 1988, p. 86). Muitas questões em torno de quem ela era no passado e já havia deixado de ser no presente foram trazidas. Relatava o quanto sentia que a aposentadoria tinha sido um golpe, afirmando que parar de trabalhar ceifou a sua vida social, sentindo-se inútil e sem valor. Inúmeras vezes, mostrava apertando e movimentando a flacidez da sua pele: *“estou horrível, só tem pelanca”*.

Ela havia mudado de cidade para morar perto da filha e, quando iniciava a sua adaptação, sua rotina ficou em suspensão por conta do início da Pandemia do COVID-19, que culminou na necessidade de isolamento. Queixava-se porque não fazia mais nada além de videochamadas e todo o suporte para gerenciamento da casa era feito por sua filha. À medida que a aproximação ocorria, aquela mulher que parecia despossuída de opiniões, desejos, era convidada a falar, compartilhar sentidos, histórias, experiências, momentos. Ela guiava a AT entre seus assombros, devaneios e lampejos desejantes. *“Devir é o processo do desejo”* (Deleuze; Guattari, 1997, p. 65). Pelo encontro, escavando um outro tempo-espaço, devíamos- mulher, a encarar a juventude desta idade.

Certa vez, disse que estava sentindo coceiras no corpo por ter sido obrigada a ficar tanto tempo parada em isolamento. Um dia, telefonou fora do horário agendado, dizendo que estava de roupa trocada para o AT. Falava de uma forma mais rápida, forte, atordoada. A paralisia numa forma de vida já não lhe cabia, seu corpo coçava, seus poros estavam deixando a vida vazar. De alguma forma era naquele momento do AT que se dava uma conexão com fragmentos de mundo, que a deslocavam dessa sensação de aprisionamento - tanto das vivências silenciadas durante a vida que ali ela partilhava pela primeira vez, quanto do isolamento no apartamento para prevenir-se do contágio do vírus. Assim, foram iniciados os encontros presencialmente, com caminhadas em uma praça próxima à sua residência. Ela denominou os encontros de *“Terapia em Movimento”*. O que os encontros movimentavam? O que movimentava os encontros? Coceiras, tremores e (re) composições com forças da vida.

## **A volta da boêmia**

Em uma noite de lua cheia, o AT aconteceu numa praia. A velha de quase 80 anos e um garoto por volta de seus 5 anos se divertiam jogando areia para cima, fazendo castelos, deslizando e rolando nas pequenas dunas. Coberta de areia, disse sorrindo: *“a gente tá numa idade que pode fazer o que quiser!”*. Foi a primeira vez que falou da idade numa perspectiva de potência.

Nesse mesmo período, conversou sobre sua vida afetiva, destacando o quanto sentiu-se inerte, sem reação, quando se viu obrigada a casar com um homem por ter engravidado dele após a primeira experiência sexual. Repetidas vezes, enfatizava o quanto tinha sido inerte, sem reação. Começou a se questionar por que passou tantos anos da vida casada com um homem que não amava e que não se sentia realizada sexualmente. Foi a partir desses relatos que a sexualidade passou a povoar nossas prosas.

Em um de nossos encontros, falou: *“ainda bem que tenho você, pois, se eu falasse para outra pessoa, me achariam uma velha depravada”*. Então, conta que se masturbou e sentiu pela primeira vez o orgasmo. Aquele corpo que sentia que já não era se expandiu para um corpo que vibra, sente, pulsa, goza. Emissão corpuscular: *“A questão não é a da organização, mas da composição, [...] é a dos elementos e partículas que chegarão ou não rápido o bastante para operar uma passagem”* (Deleuze; Guattari, 1997, p. 41). *“A questão é primeiro a do corpo – o corpo que nos roubam para fabricar organismos”* (p. 69).

Fomos a um barzinho. Depois de tanto tempo sem sair à noite, ela sorria, cantava e dançava. Quando saímos de lá, seguiu cantando *“A Volta do Boêmio”* de Nelson Gonçalves, até que ela esqueceu um determinado trecho da música e, de repente, um homem aparece recitando o trecho, eles cantam juntos. Ainda neste dia, enquanto caminhávamos, passamos por dois rapazes e escutamos o diálogo entre eles: *“Se eu pudesse, ficaria com todas as mulheres de Sergipe”*. Ela parou na frente deles e disse: *“Ô pega, todas?”* Continuamos caminhando, enquanto ela comentava que estava de fora, porque havia nascido em outro Estado. Aí escutamos um grito: *“desse Estado também!”* Seguimos juntas gargalhando, após um encontro repleto de boemia.

Durante os trajetos e caminhadas, costumávamos escutar músicas; ela batucava nos bancos,

nas palmas das mãos, com os galhos das árvores. A música, o canto, as batucadas iam compondo o ritmo dos encontros por meio de lembranças e associações disparadas pelas letras, pelo prazer que estava despertando aquele corpo, pelas interações que impulsionavam nos espaços e pela descoberta de uma potencialidade e produção desejante.

Às vezes, pessoas passavam por nós embalando junto conosco trechos de músicas, outras aplaudiam, uns olhavam com estranhamento, alguns sorriam. Um dia, estávamos sentadas na sombra de uma árvore, um homem aproximou-se, dizendo: “*cadê a nossa cantora?*”. Ela sorriu um pouco tímida e ele continuou afirmando que gostava quando ela cantava Nelson Gonçalves. Os dois começaram a cantar juntos alguns trechos. Quando voltávamos para casa, ela se deu conta de que já estava sendo reconhecida como cantora.

Em pouco tempo, estava matriculada em uma escola de música. A AT a acompanhou cantarolando durante caminhadas, teve a alegria de cantar com ela em um bar com karaokê e, um tempo depois, também pôde vê-la se apresentar em teatros e em outros espaços da cidade. Certa vez, a AT comentou com ela que estava escrevendo sobre os encontros e lembrou algumas dessas passagens partilhadas aqui. Ela sorriu e disse: “*eu reagi, né? “eu me aposentei, mas hoje sou aprendiz de artista”*”.

### **“Me Deram um Nome e me Alienaram de Mim”<sup>1</sup>**

Nas trilhas do AT também temos encontrado mulheres velhas acometidas por diagnósticos neurodegenerativos como o Alzheimer e a DFT (demência Fronto-temporal); mulheres que receberam um nome-diagnóstico. As palavras escapam, parecem insuficientes para narrar o vivido. Talvez, o sentir com elas esteja também reverberando em nós a experimentação de um estado de afasia – um dos sintomas que envolvem a progressão dos quadros demenciais e que diz respeito ao comprometimento da comunicação na perspectiva das funcionalidades cognitivas.

Inúmeras vezes, fomos tomadas pela sensação de estarmos perdidas, interrogando sobre a função do AT diante de uma existência que parece oca, esvaziada, estritamente submetida aos cuidados impostos em uma rotina que se resume a garantir a sobrevivência básica - dormir, comer, tomar banho, medicar. Às vezes, há um sofá com uma TV ligada em um canal qualquer. Já acompanhamos uma mulher velha que dormia diariamente às 17h. Será que realmente sentia sono ao final da tarde? Ou foi uma estratégia cerceadora de hábitos que silenciava a desassistência durante o turno da noite - já que neste não havia funcionárias, nem familiares? Presenciamos situações em que se falava e se questionava sobre a pessoa acometida por um quadro demencial, ignorando totalmente a presença dela, com justificativas como: “*ela não entende nada não*”.

À medida que nos aproximamos de realidades como estas, fomos formulando uma função para o AT, dando-lhe um corpo e uma língua: insistir em encontrar alguma singularidade. Alguma singularização em corpos que pareciam ‘esvaziados’ de desejos e reconhecimentos; testemunhar suas existências e reagir no contrafluxo do apagamento subjetivo, familiar, social. Apostar no devir mesmo quando tudo parece desmoronar.

A história só é feita por aqueles que se opõem à história. [...] a fronteira não passa entre história e memória, mas entre os sistemas pontuais “história-memória” e os agenciamentos multilineares [...] que não são absolutamente o eterno, mas sim devir [...]. Não há ato de criação que não seja trans-histórico, e que não pegue ao contrário, ou não passe por uma linha liberada. [...] o intempestivo, outro nome para heciceidade, o devir, a inocência do devir (isto é, o esquecimento contra a memória, a geografia contra a história, o mapa contra o decalque, o rizoma contra a arborescência). As criações são como linhas mutantes que se livraram da incumbência de representar o mundo (Deleuze; Guattari, 1997, p. 94).

O filho de uma das velhas relatava que, após a morte do seu pai, a mãe havia ficado muito

1 Clarice Lispector em Um Sopro de Vida (Pulsões), 1999, p.16.

deprimida. Esse período coincidiu com a sua aposentadoria e ela foi ficando cada vez mais isolada em casa. Com o início da pandemia, ele foi morar com ela e notou que estava com comportamentos estranhos, “*muito diferente*”. A partir disso, ela passou por avaliações médicas e foi diagnosticada com Demência Fronto Temporal – DFT. No primeiro encontro, parecia impossível encontrar um sentido na bagunça emaranhada de palavras. Mas, ela ensinou que não precisamos compartilhar de uma linguagem regulada por códigos sociais que formalizam e mediam a nossa comunicação. Não falava uma frase completa. Gagueira afásica, um dar língua e corpo a afetos que pedem passagem (Rolnik, 2018). Comunicávamos entre gestos, palavras soltas e desconexas, olhares e suspiros. Aprendemos a nos sintonizar de uma forma que não se sabe como transcrever.

Por exemplo<sup>2</sup>, certa vez, ela presenciou o seu pai (um velho de 101 anos) cair acidentalmente. Expressou do jeito dela e através da forma que encontramos de nos fazermos (des)entender uma à outra, e eu entendi que algo havia acontecido com ele. Perguntei ao filho: “*como está o seu avô? Sua mãe parece preocupada*”. Naquele momento, ele não soube responder. Posteriormente, procurou-me e disse que a cuidadora afirmou que o avô havia escorregado, mas estava bem. Em seguida completou: “*Não sei como minha mãe lhe disse, nem como você entendeu*”. Ela sabia, sentia e expressava o que (lhe) ocorria. “Pois bem, haveria algo como o silêncio, ou como a gagueira, ou como o grito, algo que escorreria sobre as redundâncias e as informações, que escorraçaria a linguagem e que apesar disso seria ouvido” (Deleuze, 1992, p. 56).

Uma vez, ao chegar em sua casa, fui recebida com uma expressão de angústia, estendi os braços, nos abraçamos e ela começou a chorar intensamente. Naquele dia, algo raro aconteceu: disse-me uma frase completa na linguagem formal conhecida na (nossa) gramática: “*Não sei mais quem sou*”. Enquanto chorava e nos abraçávamos forte, embalávamos nosso corpo como se escutássemos uma música de ninar. Aos poucos, os toques ficaram mais delicados, a respiração suavizada, o encontro seguiu. Podemos pensar em função *holding*, continência, transferência, vínculo, mas nenhuma dessas palavras parece caber nesta vivência. Cartografamos uma forma nossa, singular de nos compreendermos. O AT, em momentos como esse, empresta seu corpo para suportar assombros, ameaças, indizíveis. O AT faz corpo coletivo.

Uma das palavras soltas que ela mais diz é “*desculpa*”, parecendo expressar a docilidade, domesticação e servidão de uma vida capturada pelas práticas discursivas e não discursivas que regem as orientações no manejo dos quadros demenciais. Buscando outras direções, nós experimentávamos ultrapassar os limites que insistem em reduzi-la ao diagnóstico. Juntas fomos descobrindo formas de habitar os instantes, ativar afetos de alegria que potencializam a vida, outras formas de estar no mundo nos fragmentos de tempo que partilhávamos. Nós já pescamos, mergulhamos no mar e no rio, costuramos, saímos à noite para dançar, fizemos feira, compras em lojas, cozinhamos, fomos a exposições, organizamos álbuns de fotografias, pintamos quadros que estão expostos na casa, transformamos um quatinho que amontoava coisas em um ateliê. Neste ateliê, construímos um lugar em que ela se reconhece ou, seria melhor dizer, se artista, se faz outra, colorindo o dia, a vida com cores de Frida Kahlo, Van Goh, Tarsila do Amaral, Almodóvar.

Uma vez, ao retornarmos de uma andança pela cidade, ela estendeu a mão de uma forma firme, movimentando seu corpo de uma maneira que entendi que queria me mostrar algo. Levou-me até o ateliê e apresentou-me diversas pinturas. Sim, ela agora ocupa aquele espaço sem mim, desfruta desses momentos sem o condicionamento da minha presença, e convida-me a testemunhar as produções pulsantes que insurgem. Diante de tantas linhas endurecidas que tentam esmagar a força criativa da vida, ela segue bordando-a em cores e formas outras.

Nesse percurso, eu a acompanhei também durante a descoberta e tratamento de um câncer de mama. Essa mulher que se sentia perdida, não sabia mais quem era, estava perdendo mais um pouco de si. Gritava horrorizada quando passava a mão na cabeça e os cabelos soltavam emaranhando os seus dedos. Perder seus cabelos, sua mama, era uma forma encarnada do quanto ela ia se perdendo nas reticências de si mesma. Mostrava-me sempre a cicatriz, o catéter, a cabeça careca com expressão de dor e horror. Sempre que via sua imagem refletida nos espelhos, desorganizava-se de forma acentuada.

Compreendendo que o AT também assume uma função de modelo identificatório, ao

2 Em algumas passagens desse texto, haverá uso de primeira pessoa, indicando experimentações de AT realizadas por uma de nós.

mesmo tempo que de oferta de outros territórios existenciais, de ego auxiliar, como diríamos no psicodrama, emprestamos o corpo para apresentar possíveis nas situações em que os repertórios de vida estão aprisionados, restritos, impossibilitados. Passei a ir aos encontros usando lenços e levando-os para ela. Ela foi se interessando, escolhendo, experimentando e usou por um tempo até que, aos poucos, ela já conseguia assimilar a queda dos cabelos e não precisava mais de recursos como lenço para atenuar o desconforto.

Houve situação em que a família e as cuidadoras queixavam-se de constantes “birras”. Diziam que ela começou a defecar e urinar no chão porque estava com raiva. Muitas vezes, nos deparamos com a dificuldade dos familiares em reconhecer e validar a fragilidade das pessoas que amam. Deparar-se com uma mudança radical, convoca um luto em vida de alguém que já não pode assumir os papéis como antes, de alguém que resiste a resignar-se a perder docilmente a vitalidade e a autonomia, mesmo que seja cagando no chão. Em uma das nossas saídas, estávamos no caixa e ela falou alto com semblante assustado: “*Não não não não não!*”. Então observei a urina escorrendo em seu corpo. Eu segurei sua mão. Era evidente o seu desconforto; por mais que houvesse uma dificuldade em reconhecer a necessidade de ir ao banheiro e em como agir diante disso, ela não estava alheia e aquilo lhe perturbava.

Em uma outra situação, estávamos em uma sorveteria e percebi uma expressão diferente, parecia incômodo. Não sei explicar, mas achei que ela precisava ir ao banheiro. A convidei para ir até ele, ela parecia um pouco perdida, mas seguiu comigo em direção ao vaso. Não esboçava nenhuma iniciativa, tentei lembrá-la de que era preciso suspender o vestido, descer a calcinha. Ela ficou parada me olhando, pedi licença e calmamente a ajudei iniciando o movimento para retirada da roupa e ela deu continuidade. Me mantive ao seu lado. Ela estava com dor de barriga e, ao finalizar, foi levantando-se, se preparando para se vestir, sem fazer a higienização. Tentei lembrá-la, apontando o papel higiênico. Ela estava confusa, abriu o lixo iniciando o movimento de pegar um que já havia sido utilizado descartado por outra pessoa. Eu peguei o rolo limpo de papel, mostrei a ela e perguntei se poderia ajudá-la. Fiz novamente o primeiro movimento, e ela então deu continuidade e se higienizou de forma adequada. Parecia assustada, e repetia aflita: “*desculpa, desculpa*”. Também pedi desculpa e falei que estávamos aprendendo juntas.

## O AT como ativador da processualidade desejante

Os fragmentos de história, lampejos de vida narrados nesse texto diz de um exercício clínico-político que se dá nas sutilezas, promovendo pequenas mutações no miúdo do cotidiano, na circulação nos espaços e dos afetos, intensificando a vida nos instantes. O AT tem nos possibilitado outras direções, cruzamentos, desvios que permitem experimentações de um cuidado itinerante em saúde mental. Entre fragmentos de tempo partilhados, pescamos, mergulhamos no mar e no rio, costuramos, saímos à noite para dançar e/ou cantar, fazemos feira, compras, visitamos pessoas queridas, cozinhamos, vamos a exposições, organizamos álbuns de fotografias, pintamos quadros que estão expostos na casa, transformamos um quatinho que amontoava coisas em um ateliê. Fazemos coisas livres da tarefa de serem úteis, coisas que germinam vida em abundância. Nós mulheres, juntas, por meio da ética passante e da política de amizade do AT, tecemos gestos comunicacionais emocionados.

Emoção, “um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos” (Didi-Huberman, 2016, p. 26). Em tempos de laços comunitários esgarçados, a solidão se solidifica e paralisa formas de vida. O AT bate na porta de mulheres velhas que estão sozinhas, até mesmo quando rodeadas de gente. Existências apequenadas, entendidas como ocas de desejo, impossibilitadas de caminhar. Concordamos com Taccolini (2023, p.52) em sua simplicidade de definir o AT: “estar junto, celebrar no comum as diferenças e construir laços e caminhos”. O AT, com emoção, põe-se a imaginar, a fazer arder o real do cuidado com vidas que insistem em viver entre o mortífero e o embrionário. Sigamos, juntas, a gaguejar um cuidado, teimando em viver.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ARAÚJO, Fábio. **Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico**: dos especialismos à política da amizade. Rio de Janeiro: Editora Niterói, 2007.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BIROLI, Flávia. O fim da nova república e o casamento infeliz entre o neoliberalismo e o conservadorismo moral. In: BUENO, Winnie, BURIGO, Joanna; MACHADO, Rosana Pinheiro; SOLANO, Esther. (Orgs.). **Tem saída?** Ensaios críticos sobre o Brasil. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUM, Eliane. **Me chamem de velha**. Revista Época, 20/02/2012. Disponível em: [https://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html?fb\\_action\\_ids=608485039242410&fb\\_action\\_types=og.likes](https://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/02/me-chamem-de-velha.html?fb_action_ids=608485039242410&fb_action_types=og.likes). Acesso em: 26 dez. 2023.
- CHASSOT, Carolina; Silva, Rosane Neves. A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica: relato de uma pesquisa em associação. **Revista Psicologia e Sociedade**, v.30, 2018. p. 1-12
- CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 1. ed. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FERREIRA, João Batista. "Espelhos partidos têm muito mais luas": por uma poética das formas-de-vida. **ECOS**, Campos dos Goytacazes, v. 7, n. 2, p. 235-244, 2017.
- FERREIRA, João Batista. Por uma poética da atenção às formas de vida. In: PEREIRA, Bárbara Alves. (Org.). **Velhice e a literatura como potência de vida**. Salvador: Editora Devires, 2021. p.1-5.
- FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografias da arteloucura: a insurgência de um outro espaço. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda; PERRONE, Cláudia Maria. (Orgs.). **Rizomas da reforma psiquiátrica**: a difícil reconciliação. Porto Alegre: Sulina, .2007. p. 141-152.
- FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GONÇALVES, Laura; BARROS, Regina Benevides. Função de publicização do acompanhamento terapêutico: a produção do comum na clínica. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. esp. 2, p. 108-116, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000600014>.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do Desejo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KOHAN, Walter. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (Pulsações)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MONTEIRO, Adriana. **Apanhar Desperdícios, Seguir Vagalumes**: das travessias entre acompanhamento terapêutico, velhice e mulheres. 2023. Dissertação [Mestrado em psicologia]. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2023.

MOTTA, Alda. As Velhas Também. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011. Disponível em: [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602011000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602011000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 26 dez. 2023.

NIQUETTI, Ricardo. Deleuze e os devires minoritários na velhice. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, v. 9, n. 27, p. 114-135, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/32188/22271>. Acesso em: 26 dez. 2023.

OLIVEIRA, Érika; ROCHA, Késia; MOREIRA, Lisandra; HÜNING, Simone. “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. **Fractal**: Revista de Psicologia, v. 31, n. esp., p. 179-184, 2019. DOI: [https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29043](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29043).

PALOMBINI, Analice. 25 anos depois, um pouco da estrada em que fiz meu chão: acompanhamento terapêutico e reforma psiquiátrica. In: PAULON, Simone Mainieri; OLIVEIRA, Carmen Silva de; FAGUNDES, Sandra Maria Sales. (Orgs.). **25 anos da lei da reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2018. p. 245-261.

PALOMBINI, Analice. Prólogo: linhas do tempo. In: PALOMBINI, Analice de Lima; PASINI, Vera Lucia; ECKER, Daniel Dall’Igna. (Orgs.). **Linhas do Tempo**: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública. 1. ed. Porto Alegre: Editora RedeUnida, 2022. p. 13-22.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 109-130.

PEIXEIRO, Maíra. Sobre acompanhamento terapêutico e sua abertura para o campo do envelhecimento: da loucura à velhice. In: BARBIERI, Natália Alves; BAPTISTA, Carolina Guimarães de. (Orgs.). **Travessias do Tempo**: acompanhamento terapêutico e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

TACCOLINI, Leonardo. **Time in a bottle**: uma experiência de acompanhamento terapêutico em uma leitura simbólico-existencial. 1.ed. São Paulo: Appris, 2023.

TEDESCO, Sílvia. Linguagem: Representação ou Criação? *In*: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia; PASSOS, Eduardo. (Orgs.). **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 113-135.

VASCONCELOS, Michele; MACHADO, Dagoberto; MENDONÇA FILHO, Manoel. Acompanhamento terapêutico e reforma psiquiátrica: questões, tensões e experimentações de uma clínica antimanicomial. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. esp. 2, p. 95-107, 2013.

YASUI, Silvio. **Rupturas e desencontros**: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

Recebido em 25 de janeiro de 2024.

Aceito em 21 de março de 2024.